

POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DA CAPRINOCULTURA NO SEMI-ÁRIDO

A cabra foi o segundo animal domesticado, há mais de 10 mil anos, quando houve a chamada Revolução Neolítica, com o Homem aprendendo a plantar e a domar os bichos, para seu proveito. Antes dela, foi o cachorro, como parceiro nas andanças à cata de alimentos silvestres. Comida e companhia, são o essencial para vida humana, até hoje.

A Bíblia, além de um elo entre o Homem e a Divindade, contém, em certo sentido, a crônica da vida de um povo numa região seca. Fala em cabra 130 vezes e as ovelhas permeiam seus textos, além de ensinar a viver com dignidade, quando nada, no horizonte de uma pobreza honrada. O menino Jesus ao nascer, foi acomodado sobre um travesseiro feito com feno, numa manjedoura que tinha em volta de si, uma vaca, uma cabra, uma ovelha e um jumento, frutos da atividade predominante no semi-deserto de Belém e Nazaré, num simbolismo revelador, do que significa a Pecuária para uma zona seca.

A cabra é o ruminante mais expressivamente disseminado, pela mais fácil adaptação de suas funções produtivas ao calor, ao frio, ou à seca de cada pedaço do mundo e, dependendo do lugar, uma é preferida por causa do leite, outra por causa da pele ou dos pêlos e, das duas, se aproveita a carne enxuta como bom alimento.

No Brasil não havia cabras nativas. Vieram inicialmente, como nós, da Península Ibérica e depois, em menor escala, nos navios negreiros da África, logo preferindo expandir-se no Nordeste, por onde o Brasil da civilização ocidental começou, como que dizendo que ali era seu lugar e era bom.

O menosprezo às Cabras foi muito grande aqui. Desde as Instituições Oficiais (Ministérios, Órgãos de Ensino e Pesquisa ou de Financiamento) até os fazendeiros, que além da herança colonial (os portugueses não cuidavam muito de cabras, ao contrário dos espanhóis), defendiam suas lavouras lotéricas da fama de esperteza e traquinagem das cabras.

Largadas na Caatinga aberta comum, a seleção natural foi negativa para a função leiteira, porém geneticamente muito valiosa para **rusticidade, prolificidade e qualidade da pele**. A primeira iniciativa oficial de classificar uma raça e proceder ao seu melhoramento, só veio ocorrer em 1934/35, aqui em Pernambuco, por iniciativa de Dr. Renato Farias, então Diretor da Secretaria de Agricultura, avistando e **enxergando** o tipo predominante no vale do Rio Moxotó.

Cada região do mundo, tem suas raças animais bem definidas. De vacas, cavalos, cabras, ovelhas e, até, galinhas. Basta ver que os nomes dessas raças incluem sempre uma referência ao lugar onde elas se formaram: boi Hereford, cavalo Andaluz, cabra Murciana, ovelha Morada Nova, galinha

Plymouth, etc. Leio nisso uma insinuante correlação dos animais com clima, ambiente, cultura, compatibilidade produção. Aqui no Brasil, fisiograficamente tão diversificado e com um potencial pecuário sem similar no mundo, ainda não é bem assim. Importam animais do Hemisfério Norte, importam suas doenças para importar os remédios e a comida, sem importar também o clima e a política agrícola de lá.

As cabras nativizadas, por exemplo, cujos tipos o povo sertanejo bem **definiu** – Surrão, Moxotó, Canindé, Marota, Cabra Azul, Graúna, etc. – de cada um destacando uma vantagem, foram oficialmente rotuladas de SRD – Sem Raça Definida – convertendo o Brasil no único lugar do mundo onde suas cabras não têm, sequer, o direito ao batismo, sendo arroladas num pacote só, transcendendo a desdém e desvalorização. Confundiram o conceito de **raça** com o de **padrão racial** – atribuição de Órgãos Oficiais – que um comportamento subdesenvolvido e servil só soube estabelecer para as cabras de fora, com uma rotulagem de “P.O.Is” que encanta e até deslumbra a muitos amadores desavisados e técnicos de alma alienada.

Por uma perniciososa deformação cultural, em larga medida, brasileiros ainda se mantêm com o umbigo e a mente, presas do Estrangeiro, como quem cultiva um complexo de inferioridade, colonial, negativo, menor. Um estadista paraibano – João Suassuna – já escreveu num documento de Governo (1926): “somos um Povo sugestionado pela política inferior do decalque” No trabalho na terra, essa anomalia se exacerba, porque a diferença entre o mundo temperado e o tropical, mais que noutro campo do conhecimento e da vida, deveria impedir a prática do adotar sem adaptar, conceitos e técnicas somente aplicáveis em regiões de clima regular.

Um país pode crescer com o aumento do seu PIB. Uma Nação só cresce com um caráter, uma fidelidade ao seu passado, uma luta pela sua identidade. Uma expressão de Ariano Suassuna falando sobre Arte em geral, bem completaria essa afirmação, dizendo que, só assim, “..... o que vier de fora, em vez de uma influência que nos descaracteriza e esmaga, passa a ser uma incorporação que nos enriquece.”

A identidade e o caráter das plantas, dos animais, do chão da terra e a forma de trabalhar nele, pedem consideração análoga, para que possam prestar.

O pesquisador e mestre zootecnista sul-africano *Jan C. Bonsma*, em conferência no Brasil (1982), sugeriu: “Sejam impiedosos no descarte seletivo para o melhoramento do gado, quanto a: **1º) adaptabilidade às condições locais**, 2º) fertilidade, 3º) precocidade, 4º) conversão de alimentos, 5º) docilidade

Marcus Catão, tribuno romano, no ano 184, em sua obra “*De Agriculturae*”, consultado sobre qual o melhor emprego das terras no trabalho rural, respondeu: 1º) Proveitosa criação de gados, 2º) Criação de gados com lucros modestos, 3º) Criação de gados sem lucros e 4º) O

aramento de terras Pensar no que ele disse, pensando no semi-árido, quando se valoriza muito a proteção do ambiente e do solo, é, ainda, mais pertinente.

O pessoal da OCDE, discutindo a proximidade do “*food power*” prevalecer no concerto das grandes potências do mundo, já dizia (1983): “..... entre os tesouros mundiais, destacamos o espaço agriculturável do Brasil”, e mais, “..... que poderá produzir a carne mais barata do mundo, porque detém o milagre mundial do boi de fotossíntese”. A conversa deles cheira, historicamente, a exploração, egoísmo, imposição, impiedade social, ou, para usar equivalentes atuais, a “competitividade” e “mercado globalizado”.

Não temos 1/3 do tempo sob friagens radicais e neves espessas. O zootecnista inglês *T. R. Preston* (1977) num Ensaio designado “Estratégia para Produção de Bovinos nos Trópicos”, garantia que “..... os trópicos oferecem possibilidades de **rendimento por unidade de área e de viabilidade econômica**, que superam em muito as perspectivas atuais e mesmo futuras dos países de clima temperado”. Adiante, criticando “..... as crenças ensinadas nos compêndios de Zootecnia sobre a especialização de bovinos para produzir leite **ou** carne”, propõe que se confie “..... sobretudo na função do rúmen” e não se ponham os animais a competir com o homem pelo consumo de cereais e, por fim, afirma “..... já que necessitamos tanto de carne como de leite, a **base de toda a estratégia pecuária racional é considerar as duas produções conjuntamente**”, fundamentando a genética da dupla função.

Para as cabras nordestinas, essa afirmação torna-se ainda mais efetiva, pois, despidas dos pêlos longos que traziam, desenvolveram uma 3ª função econômica, convertendo sua pele num elemento ainda mais valioso do que a carcaça, para a fabricação das mais diversas utilidades humanas.

A não ser para a pequena parte irrigável artificialmente, onde produzimos qualificadas frutas, existe um **triste contraste** entre as realidades – boas e más – da zona seca e os mecanismos institucionais de lidar com elas, desde o ensino/pesquisa até a política de produção e assistência.

A chamada Civilização do Couro, foi a fase mais próspera da Economia Nordeste. Técnicos argentinos, falando sobre o Chaco Seco de lá (1980), que tem a mesma extensão que o nosso Polígono das Secas, afirmam: “..... de acordo com nossa experiência, quanto mais seca a região, sempre que se disponha de pasto e água, tanto maior é a produção pecuária” e mais: “..... estamos em condições de afirmar que todo plano puramente agrícola nestas regiões, está, de antemão, condenado ao fracasso. O risco das colheitas é demasiado grande para ser a **base da exploração**”.

O Brasil, com o Nordeste seco bem incluído, tem a vocação e o destino de ser, também, a grande Nação agropecuária, sobretudo Pecuária, do

mundo. Basta neutralizar mentes coloniais e ter a dignidade de estabelecer uma política decente de financiamentos rurais, calcada **em parâmetros tecnicamente corretos e ajustados para cada região fisiográfica**. Tomando o Brasil como referência para pensar o Brasil e a peculiar **semi-aridez** do NE para o NE.

O Nordeste é seco. O inverno é um pequeno intervalo de tempo entre dois estios, que, às vezes, se emendam. A grande vocação das terras secas é **Pecuária de ruminantes** e isso já começa a ser considerado, graças a Deus. Por mais óbvia que seja, quase sempre é preciso repetir uma mesma idéia até cansar. Há uma dramática **não decisão** em relação à **semi-** aridez do NE. Os moradores do semi-árido são **credores** do Brasil.

À medida que se está ideologicamente revogando a “filosofia da água”, do “combate à Seca” – a água passando a ser buscada para resolver o problema da sêde, o uso primordial e sem alternativa que água tem e não o da fome, como “fator de produção” excludente, e vai clareando o caminho técnico-cultural-político de viver em sintonia com a Natureza desse mundo áspero, bonito, possível e mal tratado do sertão das águas desarrumadas, a **Pecuária de múltipla função, sobre vegetais perenes, integrada** por Bovinos, Caprinos e Ovinos, bem adaptados ao ambiente, **recriará a Civilização do Couro em novas bases** e o semi-árido poderá se transformar, também do ponto de vista da produção e da prosperidade, num belo pedaço do Brasil. A raça das plantas, como a raça dos animais, para cada latitude, é um fator fundamental.

Nesse quadro amplo e verdadeiro, o papel que tem a Caprinocultura, é da maior significação. O consumo de leite de cabra, assim como o de carne, é muito pequeno ainda, no Brasil. As peles das cabras e das ovelhas deslanadas formadas no NE, estão entre as melhores do mundo, embora os criadores ainda não ganhem nada com isso e não haja uma preocupação firme com a preservação dessa qualidade, sobretudo pela importação de animais da Inglaterra, Estados Unidos e de outros ambientes nevados.

O uso de leite de cabra nas cidades maiores começou há pouco tempo, pelo IMIP, no Recife – iniciativa qualificada de seu dirigente, Prof. Malaquias Batista. Depois, ainda no Recife, geriatras começaram a prescrevê-lo na dieta dos mais velhos, copiando corretamente a sabedoria sertaneja, que já alimentava com leite de cabra, seus filhos, seus avós e a família inteira.

Na Paraíba, só em Março de 1990, fomos nós que começamos a mandar parte do leite para consumo direto em Campina Grande e na Capital, o restante indo para o Rio e São Paulo, sob a forma de queijos maturados.

O trabalho de **preservação com regeneração** (castiçamento), das cabras nordestinas, através do uso leve do sangue de suas homólogas pirenaicas atuais, iniciado em 1971, tentando somar virtudes, em rica

parceria ideológica com meu primo de sangue e amante do mundo a partir do sertão, Ariano Suassuna, resultou, até, em nos “acusarem” de ter “inventado” cabra, esse animal bíblico, que já garantia a sobrevivência de persistentes nordestinos, á margem remota das secas, há mais de 400 anos. Na Fazenda, as cabras tomaram o lugar, com grande vantagem, do penar e do risco das lavouras temporárias, aumentando, inclusive, a ocupação de mão-de-obra, em relação à que trabalhava no tempo da loteria dos roçados.

Atualmente, mais de uma dezena de produtores, já pasteurizam leite de cabra para consumo urbano, no Estado, e a carne vai passando a ser iguaria disputada em restaurantes.

Um exemplo formidável do potencial da Caprinocultura, muito recente, nos dá o Rio Grande do Norte. A articulação entre Associações de Criadores e Governantes igualmente conscientizados, levou à substituição do leite importado, por leite fluido produzido lá, para a merenda nas escolas e suplementação alimentar dos carentes, o Estado assumindo a tarefa quando o Governo Federal cancelou o “Programa do Leite”, pela mão do 1º Fernando apátrida que assaltou o Poder Nacional.

Essa atitude estadual teve o duplo propósito: manter a melhoria alimentar de necessitados, enquanto apoiava, na base, a atividade essencial do semi-árido potiguar, tradicional produtor de carne-de-sol e queijos

No programa de leite de vaca, que já cobria todo o Estado, foi aberto um espaço para o leite de cabra, no começo de 1998, ano de terrível seca. Dos 26 litros (R\$ 0,75\litro, ao produtor) do dia 1º de abril, quando começou, logo alcançaram os 2.000 l\dia do Convênio Inicial e já coletam hoje mais de 10 mil litros. O Rio Grande do Norte, em dois anos, obteve a maior redução na taxa de mortalidade infantil, garante a manutenção de milhares de empregos positivos no campo e reduziu o número de alistados nas “frentes de emergência” das secas posteriores que, por sinal, mudaram agora, mais uma vez, de nome, embora mantendo a mesma **inversão de foco**: em vez da atividade permanente do trabalho nas glebas, preferem a hipocrisia no trato da circunstância.

Já funciona em Lages, a parte de abatedouro de pequenos ruminantes e instalam o Curtume anexo, além da Usina de desidratação de leite, da Associação de Criadores do Sertão do Cabugí, a iniciativa particular começando a suceder o Estado na ampla vereda que, cumprindo o seu papel decentemente abriu e garantiu. A natural convergência do interesse pèlos três produtos – leite, pele e carne, bem demonstra a vantagem do Nordeste e suas cabras, sobre a **especialização de raças** de outros mundos, incorporando à prática, o que se sabe da superioridade de um mundo sem neve para produzir comida e utilidades, vindas do chão e do sol.

Com a média diária de 132 mil litros de leite de vacas e 10 mil de cabras, o dispêndio do Estado pouco passa de 1% – um por cento – do

orçamento anual. No Setor da Saúde deve economizar mais do que isso, sem contar qualquer ICM, pelo aumento do poder de compra dos sertanejos. O Estado já se tornou auto-suficiente no abastecimento do leite.

Quando começamos aqui na Carnaúba, o que havia publicado sobre Caprinos, no Brasil, era pouco e pobre, sobre raças, instalações apropriadas e manejos alimentar e sanitário. No máximo, eram simplórios decalques de outros mundos, onde, para começar, a neve impõe o confinamento radical dos animais, os rebanhos são pequenos, há sobra de cereais e fortes subsídios financeiros à produção.

Pela via de errar e consertar, adaptando para as cabras o que sabíamos sobre Bovinos, escapamos dos modismos simplórios e nos fixamos, afinal, em trabalhar com as belas cabras da Caatinga Nordestina, com seleção dentro dos agrupamentos, ou repasse leve de reprodutores europeus homólogos, em instalações que nos custaram muito fazer e desmanchar. Segundo a acuidade de Ariano Suassuna, somos criadores de cabras IBERO-BRASILEIRAS, VERMELHAS, BRANCAS, NEGRAS e AZUIS., até por analogia e reverência ao povo brasileiro, na sua síntese entre brancos europeus, negros africanos e índios daqui mesmo.

Mantemos com o Departamento de Zootecnia da UFPB, um Convênio de cooperação, desde 1989. Vou resumir em seguida, dados dos Controles que são feitos, incluindo, os da Avaliação Econômica do chiqueiro das cabras, apurados de 1990 até 1999, como informação que possa servir a outros criadores. A separação do tempo, para alguns, em antes e depois de 1994, se deve às conseqüências de terrível doença, até hoje não esclarecida, que naquele ano, causou enorme estrago por si e suas seqüelas:

REBANHO TOTAL MÉDIO (10 ANOS):

305 adultos e 129 cabritos

CONSUMO MÉDIO DE ALIMENTOS, EM TONELADAS POR ANO:

88 - capim elefante	28 - farelos
164 - palma forrageira	26 - diversos (fenos, piolho de algodão, etc.)
48 - casca de mandioca	2 Kg\pasto por cabeça\ dia, até os meses de julho\agosto, dependendo da chuva

TAXA ANUAL DE MORTALIDADE, SEPARADAMENTE, PARA CABRITOS E PARA O REBANHO TODO, EM PORCENTAGEM:

1990 a 1993: 12,0 e 10,4
 1994 a 1997: 35,5 e 28,5
 1998 a 1999: 27,1 e 18,4

Globalmente: 1990 a 1999: 24,2 e 19,2

TAXA ANUAL DE DESFRUTE (NASCIDOS + VENDIDOS – MORTOS, SOBRE O TOTAL DO 1º DIA DO ANO):

1990 a 1993 – 144,6%

1994 a 1997 – 64,5%

1998 a 1999 – 122,9%

Taxa Global : 1990 a 1999 = 104,2%

PRODUÇÃO DE CRIAS:

1990 – 1993 = 2,17 cabritos\cabra\ano

1994 – 1997 = 1,52 cabritos\cabra\ano

1990 – 1997 = 1,86 cabritos\cabra\ano

Moxotós: 1,7 cabritos\parto

Graúnas: 1,6 cabritos\parto

Pardas: 1,5 cabritos\parto

RECEITA EFETIVA DO CHIQUEIRO, COM O LEITE E A VENDA DE ANIMAIS, (10 ANOS):

Leite: 69,5%

Venda - abate: 11,2%

Venda - recria: 19,3%

Receita mensal, por cabra adulta: R\$ 7,53

Despesa mensal, por cabra adulta: R\$ 7,05

Saldo: R\$ 0,48

O preço do leite variou, nesses anos, de 0,85 até 1,10 reais, por litro, com produção média de 1,7 l\dia para novilhas e cabras e são ocupadas entre o Chiqueiro e a Queijeira 8 pessoas, incluindo a técnica encarregada da supervisão e controle zootécnico.

O detalhamento desses números (folhas anexas) acrescenta esclarecimentos e, por tudo, vou comentar algumas conclusões que podemos inferir, umas muito positivas e outras que recomendam prudência e reivindicação:

1) Pelo consumo medido das rações, uma gleba que possa ter **1 ha** de capim elefante, **dois** revezos de capim buffel e **1,5 ha** de Palma Forrageira, considerando a aquisição fora da Fazenda de farelos e outros subprodutos industriais, poderá manter em produção um rebanho de 300 cabras;

2) A receita do leite é fortemente majoritária, comprovando aqui, o que acontece no mundo inteiro: caprinocultura começa pelo leite, depois vem a produção de peles e depois o da carne;

3) **O equilíbrio entre rusticidade e funções produtivas**, é da maior importância. Enquanto as Pardas pariam 2 vezes, as Moxotós pariam 3, porque o repasse da Moxotó da França (Alpina Francesa ou Mantelada) foi mais leve. Tive de voltar com um Gurguéia pé duro, nas Pardas. O uso mais recente (1995) de Murcianas, nativas do árido Sul da Espanha e de superior resistência e produção, pode deslocar aquele Ponto de Equilíbrio, das Brancas para as Negras. A rusticidade delas equivale à das Graúnas, e transformam muito bem, capim *Buffel*, Feijão Brabo, Feno de Maniçoba, Malva Branca, casca de Mandioca ou Jureminha em rico leite e carcaça bem coberta.

4) Eu já sabia que se confunde muito volume aparente com peso específico, em Bovinos, e que vaca Holandesa para produzir aquele leite todo, precisa comer comida de gente e viver sob banhos e ventiladores. Foi do que nos lembramos para correr dos Bujhs, Nubianos e cabras Saanens, por onde começamos, entrando na “moda” daquele tempo e se assustando com os custos e as ineficiências, até aprendermos que animais de porte médio são mais econômicos e que a maior produção não significa maior lucro.

5) As grandes doenças de Cabras são verminose e linfadenite. Depois de muito apanhar da 1ª, obedecendo às bulas dos vermífugos (vacinas de 6 em 6 meses, “no início das águas” e no “início da estação seca”) e à conversa de que no sertão seco não havia lombrigas, passamos a fazer aplicações regulares de vermífugos e controlar o mal do caroço com precoces injeções de formol, por sugestão de um amigo médico, depois de cansar as costas, acororado para fazer cirurgias de remoção do pus, que, por mais que cuidasse, deixavam resíduos contaminadores.

Cabra é como índio – rústico mas de saúde frágil – parecendo que quanto mais viva solta, mais saúde e produção apresentam. Mais que para outro animal, a Veterinária deve ser preventiva, condicionando desde as instalações até o uso de medicamentos, mesmo no saudável clima seco do semi-árido.

Há surtos endêmicos de problemas sanitários, muito esquisitos e prejudiciais. O manejo dos cabritos é exigente, se se vai tomar o leite das mães, para consumo humano. As taxas de mortalidade são pesadas, embora menores do que nos começos, e muita gente as considera normais. Eu, não. As dos Bovinos mal chegam a 2% ao ano, aqui, e só penso que das cabras, pode se aproximar disso.

6) Nesse simples conjunto de dados, já fica bem evidente o que faz um ano de seca maior, na queda dos índices produtivos e no aumento dos custos de criação, afora o período seco de 8 ou 9 meses, normal, de cada ano. O cio das cabras não depende apenas do nível de nutrição. Quando a seca aperta, é que se enxerga mesmo, a falta de apoio de uma Política Agrícola decente referida à diversidade fisiográfica do Brasil e ao potencial de produção de cada região.

Política Agrícola é, essencialmente, Crédito Rural, de Investimentos e Capital de Giro, e além daí, o que há é muito academicismo, é tecnocrata maniqueísta praticando a arte de explicar porque não se faz. É horrível, sobre esse assunto, agüentar tanta erudição da insignificância e tanta exaltação do secundário. Nos países desenvolvidos, Crédito Rural é assunto resolvido, lá nos começos. Técnicos e Governantes, já discutem é sobre o tipo e volume dos SUBSÍDIOS da Política Agrícola que praticam. No Brasil, o Crédito Rural, que é um “insumo de produção” e, portanto, um problema de parâmetros técnicos, nunca foi uma atribuição do seu Ministério da Agricultura. No semi-árido, então, nunca se perguntou à sua produção agrária, qual sua capacidade de remunerar capital. Taxas de juros, prazos de carência e amortização, continuam sendo fixados ao sabor do arbítrio de

burocratas urbanóides, que nunca sequer entraram numa Fazenda, para saber como funciona. A falta dessa política pública é uma ameaça à expansão possível dessa produção pecuária, que vivia arquivada no abandono do sequeiro do NE há tanto tempo e agora toma contornos positivos.

7) O custo de produção de leite de cabras é maior que o de vacas, mesmo essas vacas sendo zebuínas de dupla função, como Guzerá ou Sindi e as cabras também sendo rústicas. Por isso e porque seus glóbulos sólidos são menores, os queijos têm valor de iguaria qualificada no mundo inteiro, assim como a carne sadia e enxuta dos caprinos cresceu de importância, à medida que os médicos descobriam os inconvenientes das carnes entremeadas de gordura e colesterol.

8) A comercialização de leite e carne de caprinos, normalmente produzidos em pequenas quantidades individuais, requer um nível de articulação e organização, ainda melhor, que para outros produtos.

Na contramão do roteiro clássico da migração dos nordestinos da seca, larguei a Engenharia Urbana de antes e assumi, por morte desavisada do Pai, o cuidado da Fazenda, sem considerar isso uma condenação. Desenvolvi com o Cariri da Seca, uma relação intensa, funda e inevitável, no tempo e empenho integrais que lhe dediquei, há mais de 30 anos.

Após crescer a clareza e a crença no potencial do semi-árido, de tanto ter que digerir o contraste entre o viável de fazer e o que acontece, em relação a esse meu mundo, sem perder nem por um instante a fé, freqüentemente cometo o pecado da ira. Às vezes penso que ainda falta completar a Revolução Neolítica do NE seco.

As Guzerás, as cabras e as ovelhas deslanadas me pacificam depois, e a esperança ganha do medo de não ver o NE assumir sua seca e seu caminho verdadeiro.

Taperoá, agosto de 2001

Resumo para palestra na I FENACAPRIO – Feira Nacional de Caprinos e Ovinos em Petrolina – PE – Prefeitura Municipal e CPATSA